

OPINIÃO SOCIALISTA



Nº653
De 11 a 25
de maio 2023.
Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu_oficial



AGRONEGÓCIO É O VILÃO AGORA QUER CRIMINALIZAR SEM TERRAS E LUTADORES DO CAMPO

Páginas 8 e 9



CULTURA

Rita Lee foi revolucionária e diva da liberdade

Página 5



POLÊMICA

PL não combate Big Techs de verdade

Página 12



TAVA DOIDÃO.

CHARGE



“ Invasão de terra não pode ser concebível e é tão grave quanto invadir o Congresso Nacional ”



Ministro da Agricultura, Carlos Fávaro, comparando as ocupações do MST aos atos golpistas de 8 de janeiro.



PRÓXIMO LANÇAMENTO

“ O texto das teses resgata a compreensão marxista sobre a questão das opressões e sua relação com a relação de exploração, isto é, entre as classes sociais, relação fundamental na qual se assenta esse sistema de exploração e opressão, o sistema capitalista. ”

EDITORA **sundermann**

www.editorasundermann.com.br

NOJO!

Justiça dos ricos contra uma mulher pobre

O Ministro André Mendonça indeferiu o pedido da Defensoria de Minas Gerais e rejeitou a aplicação do princípio da insignificância para uma mulher solteira, pobre, mãe de três crianças, que furtou quatro pacotes de fraldas, avaliados em R\$ 120,00, das Lojas Americanas, posteriormente restituídos. Agora, se o julgamento em questão envolvesse Lemann, Telles e Sicupira, os donos da Americanas que roubaram mais de R\$ 40 bilhões, certamente teriam se safado. O caso das America-



nas foi o maior escândalo da história do mercado de capitais brasileiro – talvez um dos maiores do mundo. Todos ainda estão impunes. Mas se os respon-

sáveis fossem mulher, solteira e pobre e tivessem furtado pacotes de fraldas, a justiça dos ricos já tinha colocado todo mundo atrás das grades.

NOVO CASO

Racismo no Carrefour

Recentemente, um novo caso de violência racial envolvendo o Grupo Carrefour foi registrado em Salvador, na Bahia. Um vídeo que circulou nas redes sociais mostra um casal negro sendo agredido do lado de fora de uma loja da empresa, após ser acusado de tentar furtar produtos. As imagens foram registradas pelos próprios agressores, que não aparecem no vídeo. O Carrefour Brasil já registrou diversos casos de violência racial, sendo o mais conhecido em uma de suas lojas em Porto Alegre, em novembro de



2020. João Alberto Silveira Freitas, um homem negro de 40 anos, foi espancado até a morte por seguran-

ças da loja. O incidente gerou uma onda de protestos contra o racismo em todo o país.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica MarMar

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



O tempo está passando e nada do governo atender os trabalhadores!

Conforme vai passando os dias, o governo Lula vai dando demonstrações de que parece que nada vai mudar nesse país. E, assim, vai se criando um sentimento entre os trabalhadores de que o governo, de fato, não vai atender as necessidades do povo.

Os R\$ 18 de aumento no salário mínimo anunciados por Lula no 1º de maio mal compram uma cuba de ovos. Já a reforma trabalhista, que o PT prometeu rever na campanha eleitoral, já disse que vai permanecer e não toca mais no assunto. Isso acontece porque, para dar um aumento de verdade ao salário mínimo, como o PSTU defende, dobrar o salário já, e revogar por completo a reforma trabalhista, o governo teria que se enfrentar com o grande capital. E não só não se enfrenta, como governa com e para as grandes empresas, os banqueiros e o agronegócio.

O governo, pelo contrário, atende aos interesses dos grandes capitalistas. O ministério da Agricultura foi entregue a um grande sojicultor, a reforma agrária está parada, e o grande agronegócio nadando de braçada. Não só isso, como as ocupações de terras e o MST são criminalizados por setores do próprio governo. Isso abre brecha para a CPMI do MST, uma ofensiva do bolsonarismo e da ultradireita para atacar os movimentos no campo.

NÃO PODEMOS TER NENHUMA CONFIANÇA NO GOVERNO

O governo Lula, ao invés de apelar para a mobilização dos trabalhadores e da população em favor de determinadas medidas, não propõe nada que se enfrente com o capital ou a ultradireita. Assim, pode se colocar como “de esquerda” e culpar o Congresso Nacional quando, na verdade, fosse realmente a favor da classe trabalhadora, se enfrentaria com o Congresso e chamaria os trabalhadores às ruas.



Ao contrário, o governo vem fazendo acordos com os setores do alto comando militar que até ontem estavam com Bolsonaro. Vejamos, no dia em que a Polícia Federal batia à porta de Bolsonaro e assessores, Lula almoçava com o comando das Forças Armadas, e minutos depois anunciava um militar para o GSI (Gabinete de Segurança Institucional). O mesmo GSI que se mostrou omissivo, se não conivente, com a tentativa golpista de 8 de janeiro, junto com outros setores da cúpula militar.

Artur Lira, por sua vez, vai dando as cartas no Congresso Nacional e o governo vai entregando tudo que o centrão quer. Lula joga expectativa e confiança de que será o Supremo Tribunal Federal (STF) que supostamente derrotará a ultradireita.

Por isso, é fundamental construir e fortalecer um campo de classe, que defenda um programa dos trabalhadores e não deixe a classe refém do

Congresso Nacional, da patronal ou do STF. Só com mobilização e independência de classe é que será possível conquistar as reivindicações da classe e, inclusive, derrotar definitivamente a ultradireita. Alimentar a confiança num governo e num projeto de conciliação com a burguesia, com Lira, com o STF, e a direita é o caminho mais rápido para a desmoralização e o fortalecimento da própria ultradireita, como estamos vendo no Chile com o governo Boric. É isso que defendem o PT, o PSOL, ou mesmo a esquerda que não está no governo, mas que se recusa a enfrentá-lo, como o PCB ou a UP.

MOVIMENTOS SOCIAIS, SINDICAL E ESTUDANTIS DEVEM ROMPER COM O GOVERNO

A população e a classe trabalhadora ficam reféns dessa política de conciliação do governo, sem saída para os seus problemas e de mãos atadas,

ainda mais quando a direção dos partidos da esquerda parlamentar e entidades do movimento, como o PSOL, ou a CUT e UNE, mantém-se atrelados a esse governo e a essa política.

Neste sentido, teve muita importância o 1º de maio independente e de luta convocado pela CSP-Conlutas, impulsionado pelo PSTU e demais organizações que advogam pela independência de classe. Foi um momento para defender as bandeiras dos trabalhadores, como um aumento de verdade do salário mínimo, a revogação das reformas trabalhista, previdenciária e do Novo Ensino Médio, assim como o fim das privatizações e a reestatização das empresas privatizadas.

Mas para isso, é preciso enfrentar os banqueiros, as grandes empresas e o agronegócio, assim como o próprio projeto do governo. É preciso acabar com as isenções e subsídios bilionários às grandes empresas, taxar fortemente as grandes for-

tunas e propriedades. É necessário ainda acabar com a “independência” do Banco Central, mas não só, proibir as remessas de lucros. Revogar o teto de gastos e a Lei de Responsabilidade Fiscal que só desviam dinheiro para banqueiros, e suspender a dívida, a fim de investir em serviços públicos como saúde, educação e geração de empregos.

UNIFICAR AS LUTAS E CONSTRUIR ALTERNATIVA SOCIALISTA

Diante disso, é preciso que a classe se organize e se mobilize por salário, direitos, emprego, pela revogação das reformas trabalhistas, previdenciária, e a reforma do Ensino Médio. Contra as privatizações e a entrega do país, e pela reestatização das empresas privatizadas. O caminho é a luta, apoiando as categorias que estão se mobilizando, como os metroviários do Rio Grande do Sul, e os operários da CSN.

Estamos nas vésperas do 13 de maio. Não comemoramos a Lei Áurea, mas denunciemos a abolição sem reparação e exigimos justiça e reparação ao povo negro, assim como o fim do encarceramento em massa. Mas esse governo tem um projeto de alianças que impede resolver os problemas de fundo, ou até os imediatos como o combate aos golpistas.

Precisamos é de uma alternativa socialista, que defenda a independência de classe e que aponte um outro projeto de sociedade, um projeto socialista, em que os trabalhadores governem apoiado em conselhos populares.

IMORTAL RITA LEE!

Fechávamos esta edição sob o impacto da morte de Rita Lee, expressão da indignação contra todo tipo de conformismo e exemplo de como não devemos aceitar a mesmice ou o “mal menor”. Viva Rita Lee! É hora de ser Pagu indignada no palanque, ovelha negra contra esse sistema.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/41SL6KF](https://bit.ly/41SL6KF)

VACINAS FORJADAS

Escândalo é a ponta do iceberg para crimes de Bolsonaro e seu entorno

DIEGO CRUZ,
DA REDAÇÃO

Enquanto fechávamos esta edição, mais um capítulo da tentativa golpista de Bolsonaro vinha à tona, na esteira do escândalo dos registros falsificados de vacina. Desta vez, áudios encontrados no celular do ex-major Ailton Barros, um dos presos na operação da Polícia Federal, detalham como seria essa tentativa de tomada do poder pelos bolsonaristas.

O caso foi revelado pela CNN neste dia 8 de maio e mostra diálogo do coronel Elcio Franco, também funcionário de confiança de Bolsonaro e ex-número 2 no Ministério da Saúde, propondo

mobilizar 1,5 mil homens do Batalhão de Operações Especiais do Exército para a tomada do poder, caso o então comandante da força, general Freire Gomes, se recusasse a fazê-lo. “É preciso convencer o comandante da Brigada de Operações Especiais de Goiânia a prender o Alexandre de Moraes. Vamos organizar, desenvolver, instruir e equipar 1.500 homens”, diz um dos trechos interceptado pela polícia.

Na semana anterior, conversas encontradas no celular do ajudante de ordens de Bolsonaro, o tenente-coronel Mauro Cid, já davam conta do plano golpista. Em áudios, desta vez de Ailton Barros a

Cid, o ex-major propõe prender o ministro Alexandre de Moraes e a decretação de uma Garantia da Lei e da Ordem (GLO) para consumir o golpe.

Os diálogos reveladores dos militares mais próximos do entorno de Bolsonaro reafirmam que um golpe só não foi concretizado por falta de condições para tal, já que plano e preparação para isso não faltaram, vide a “minuta do golpe” encontrada com o ex-ministro, e hoje preso, Anderson Torres. E mostram que a falsificação de vacinas que desatou a operação da Polícia Federal é só a ponta do iceberg de vários outros escândalos que, mais cedo ou mais tarde, virão à tona.



Polícia Federal faz busca e apreensão na casa de Bolsonaro / foto ABr

CERTEZA DA IMPUNIDADE

Militares trapalhões deixam rastro de provas

A operação da PF começou a partir de uma denúncia à Controladoria-Geral da União ainda no final de 2022. No dia 3 de maio, Alexandre de Moraes autorizou uma série de mandados de busca e apreensão, incluindo na casa do próprio Bolsonaro, além da prisão de Mauro Cid, Ailton Barros, bem como de outros três assessores do entorno bolsonarista, e o secretário de Saúde de Duque de Caxias (RJ).

Os erros encontrados nessa tentativa grosseira de falsificação mostram, mais que a inépcia de Bolsonaro e os oficiais à sua volta, a certeza absoluta da impunidade de suas delinquências. O registro da “vacinação” de Bolsonaro e da filha, por exemplo, foram inseridos no sistema do Ministério da Saúde no dia 21 de dezembro do ano pas-

sado, e apagados no dia 27. As carteiras foram emitidas momentos antes do embarque à Flórida. Sem contar que o local da suposta vacinação foi Duque de Caxias, mais de 1.100 quilômetros de Brasília, onde o ex-presidente estava naquele momento.

Toda a articulação para essa falsificação teria ainda sido realizada através do Whatsapp, tudo devidamente registrado e sem a menor preocupação de não gerar provas. Os crimes que Bolsonaro e seus cúmplices podem incorrer vão de peculato eletrônico, infração de medida sanitária, falsidade ideológica até corrupção de menores.

Se a falsificação da vacinação já não fosse grave o suficiente, em pouco tempo será a menor das preocupações para os bolsonaristas. Mauro Cid, por exemplo, teve apre-



endidos US\$ 35 mil e R\$ 16 mil, em dinheiro vivo, escondidos em sua casa no momento da prisão. De onde veio essa grana, e por que ele tentou esconder isso da polícia? Esses e outros questionamen-

tos vão assombrar o militar preso, e o próprio Bolsonaro, já que uma eventual delação premiada não está descartada, e os celulares de Cid e do ex-presidente estão só começando a ser periciados.

MILICIANOS

“Eu sei quem matou Marielle”

Outro caso que volta à tona com esse escândalo é o do assassinato da vereadora Marielle Franco e de seu motorista Anderson Gomes. Isso porque, em uma das conversas interceptadas, o major Ailton Barros diz, com a maior naturalidade, que sabe “quem matou Marielle”. “Eu sei dessa história da Marielle toda, irmão, sei quem mandou. Sei a porra toda. Entendeu?”, disse.

E como a execução de Marielle foi parar nessa história? Para viabilizar a falsificação dos registros de vacina para que Bolsonaro pudesse entrar e permanecer nos EUA, eles procuraram a ajuda do ex-vereador carioca, Marcelo Siciliano. Um político já investigado como mandante da execução de Marielle. Em troca da mediação de Siciliano, Mauro Cid o ajudaria a conseguir visto para os EUA, algo que ele encontrava dificuldade justamente por conta dessas investigações.

QUEM É QUEM

Conheça os principais personagens desse caso

**Mauro Cid**

Ex-ajudante de ordens de Bolsonaro (uma espécie de faz-tudo, inclusive tarefas pessoais), é oficial do Exército e filho de um amigo de longa data do ex-presidente. Sombra de Bolsonaro, teria sido o articulador do esquema de fraude das carteiras de vacinação, e participou das conversas que tramavam um golpe. Tentou esconder US\$ 35 mil e R\$ 16 mil quando a PF foi prendê-lo.

Elcio Franco

Coronel da reserva, propôs botar 1,5 mil homens para darem um golpe a fim de manter Bolsonaro no poder. Foi secretário adjunto do Ministério da Saúde na gestão Pazuello e assessor da Casa Civil na antiga gestão. Mesmo no governo Lula, continuava como conselheiro fiscal da estatal Hemobrás, tendo recebido pelo menos três “jetons” de R\$ 3 mil por sua participação em reuniões da empresa.

**Ailton Barros**

Um dos presos pela operação da PF, é ex-major, tendo sido expulso do Exército em 2016. Mesmo assim, sua esposa recebe pensão de R\$ 22,8 mil, através de uma manobra que o considera “morto” no cadastro da instituição (uma das muitas mamatas do alto oficialato). Em conversa com Mauro Cid, diz saber quem matou Marielle e Anderson Gomes. “Ailton, você sabe, você é um velho colega meu, paraquedista. Tu é meu segundo irmão, né?”, disse Bolsonaro na campanha do ex-major para vereador no Rio.

**Marcelo Siciliano**

Acusado de intermediar o esquema de falsificação das vacinações. Chegou a ser investigado pelo assassinato de Marielle e Anderson, após ser acusado por uma testemunha que disse tê-lo visto conversando com o miliciano Orlando Curicica. A testemunha, motorista do miliciano, diz ter presenciado Siciliano dizer a Curicica que desejava a morte de Marielle, por ela prejudicar seus negócios na região.

**ANISTIA NÃO!**

Brasília (DF), 04.05.2023 – O presidente Luiz Inácio Lula da Silva dá posse ao ministro do Gabinete de Segurança Institucional, general Marcos Amaro, em cerimônia fechada no Palácio do Planalto. Foto: Ricardo Stuckert/PR

Capitulação de Lula aos militares

para tirar os golpistas e bolsonaristas, o presidente continua apostando na conciliação, e ainda os promove dentro da estrutura do Estado. A permanência de José Múcio à frente do Ministério da Defesa, um homem ligado ao bolsonarismo e à cúpula das Forças Armadas, mesmo após o 8J, e a própria presença de Elcio Franco na direção de uma estatal em pleno governo Lula mostram até que ponto o Estado está impregnado de bolsonaristas.

SÓ A MOBILIZAÇÃO DA CLASSE PODE DERROTAR A ULTRADIREITA

Isso ocorre porque um governo de aliança de classes, que atua junto à burguesia, os ban-

queiros e o agronegócio, é incapaz de enfrentar e derrotar até o fim a extrema direita. Sob o argumento de que não há correlação de forças, e que se deve buscar a conciliação para evitar o pior, capitula-se aos bolsonaristas e reproduz-se o que está ocorrendo no Congresso Nacional, onde o PT tenta implementar um regime de austeridade em prol dos banqueiros. Ou a recente indicação de Fernando Haddad do banqueiro Gabriel Galípolo como diretor do Banco Central, ao mesmo tempo que reclama da política de juros altos do presidente da instituição, Roberto Campos Neto.

O que acabou de acontecer no Chile, onde a extrema direita

venceu a eleição para uma nova Constituinte no rastro da decepção do povo com o governo Borric, é uma mostra de que pode haver grandes expectativas iniciais num governo de conciliação com a burguesia e os super-ricos, mas o seu caminho é a inevitável desmoralização e o fortalecimento da ultradireita.

Só com ação independente da classe trabalhadora e sua mobilização é que se poderá devolver a ultradireita ao esgoto de onde nunca deveria ter saído, garantir nenhuma anistia a golpistas e investigação até o fim e punição a Bolsonaro e sua família.

Enquanto a Polícia Federal prendia os assessores de Bolsonaro e vasculhava a sua mansão, Lula almoçava com o alto comando das Forças Armadas. Pouco depois, anunciou um outro general para o Gabinete de Segurança Institucional (GSI), escolhido para agradar e estreitar relações com a alta cúpula das Forças Armadas. Isso depois do vazamento das imagens do

general Gonçalves Dias, indicado por Lula ao GSI, andando tranquilamente entre os bolsonaristas que depredavam o Palácio do Planalto em 8 de janeiro. Como se isso não bastasse, Lula pretende devolver sua própria segurança pessoal ao GSI, sob comando dos militares.

Ou seja, ao invés de punir os altos oficiais ligados à extrema direita, e fazer uma devassa

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/42RS43T](https://bit.ly/42RS43T)

INTERNET

Projeto de Lei não ajuda a combater fake news

**JULIO ANSELMO,
DE SÃO PAULO (SP)**

Nas redes sociais e na internet são criadas e popularizadas as fake news. Há promoção de ódio e violência contra mulheres, negros, imigrantes e LGBTs. Grupos nazistas e fascistas se desenvolvem. A ultradireita cresceu nessa onda das redes, também fundamentais no impulsionamento de tentativas de golpes de estados reacionários, vide o dia 8 de janeiro. Há ainda crimes de “lobos solitários”, pessoas que partem para ações violentas, como mostra a onda de ataques nas escolas, escancarando um triste submundo da internet, com crimes envolvendo crianças, mutilações, suicídio e todo tipo de barbaridades.

Combater as fake news e a promoção da barbárie é fundamental. É parte da luta contra a ultradireita e o capitalismo. Os responsáveis por produzir, pos-

tar, divulgar, financiar e impulsionar isso devem ser investigados e punidos. Mas é preciso ir além, enfrentando o poder das Big Techs e dessa verdadeira indústria de fake news que se criou, assim como garantir mais liberdade de expressão ao povo, e não menos.

Desmascarando as Big Techs

A promessa de que a internet propiciaria à humanidade um meio de comunicação democrático e acessível para todos, no capitalismo, transformou-se no surgimento das Big Techs que são um punhado de monopólios capitalistas controlando todos os serviços relacionados à internet. Ganham bilhões dominando os servidores, data centers, nuvens, serviço de busca, redes sociais, e-mail, mensagens privadas e comércio online. De tal modo que todos os dados da sua vida passam por elas.

As fake news, os discursos criminosos e violentos, são impulsionados pelas Big Techs ao



O presidente do Tribunal Superior Eleitoral, ministro Alexandre de Moraes, vai à Câmara e ao senado nesta terça-feira(25) entregar as propostas do TSE ao PL das fakenews. Dep. Arthur Lira (PP - AL). Presidente do Tribunal Superior Eleitoral, ministro Alexandre de Moraes.

ponto que elas são parte da indústria das fake news. Esses conteúdos recebem mais atenção do algoritmo, têm o alcance ampliado, aumentam o engajamento, geram mais cliques e têm mais poder de viciar as pessoas a passarem mais tempo online.

Para os capitalistas que controlam essas empresas, pouco importa se há mais ou menos fake news, ou se o discurso é de ódio às mulheres e oprimidos. Para eles, o que importa é a quantidade de cliques, enga-

jamento, publicidade vendida e controlando os dados. Esse funcionamento das redes sociais tem tudo a ver com o fato das Big Techs serem um negócio capitalista. Por mais que digam querer um espaço plural de debate saudável, na verdade, como empresas capitalistas, servem aos seus próprios lucros.

As Big Techs ganham dinheiro através da manipulação do algoritmo, controlando, vigiando e manipulando um volume gigantesco de dados de todos. O grande diferencial

da publicidade na internet não é apenas seu enorme alcance, mas a possibilidade de utilizar um volume monstruoso de dados para criar o conteúdo publicitário, verificar se a pessoa acessou, o efeito que causou, microssegmentar o que aquela pessoa quer ouvir ou comprar e ter retorno disso imediatamente. Tal controle da informação nunca existiu na história humana, afinal, grande parte da comunicação hoje é online.

Isso, por si só, é um enorme cerceamento à liberdade de expressão. Coloca a possibilidade de censura num nível nunca antes visto. Comparando com os jornais, seria como se alguns monopólios mundiais dominassem toda a infraestrutura da comunicação, a produção de papel, tinta, bancas de jornais e jornalistas, de tal modo que controlassem e determinassem o que poderia ser escrito, a produção, distribuição, alcance e remuneração de toda a imprensa.

NEM CONTEÚDOS CRIMINOSOS

Por que o PL Não enfrenta as Big Techs de verdade?



Ao contrário do que diz a ultra direita, liberdade de expressão não tem nada a ver com liberdade de opressão ou liberdade para a ultradireita promover golpe de Estado, nem para promover assassinatos de negros, mulheres e LGBTs. Esses discursos e ações nas redes devem ser combatidos.

O PL, apesar de todas as suas intenções, é muito limitado no combate à desinformação e aos diversos crimes que ocorrem nas redes. Desconsidera que há toda uma há toda uma negócio por trás dos conteúdos bizarros que precisa ser enfrentada e desmontada. É preciso atacar a indústria capitalis-

ta da desinformação e barbárie que tem relação com o próprio poder da Big Techs.

O PL, ao invés de atacar o poder das Big Techs, coloca mais poder nas mãos delas, ao colocar como seu papel a moderação do conteúdo mais ativa, sob o risco de serem supostamente “responsabilizadas”. Ou seja, teriam que ao seu critério definir o que se publica ou não. Assim ficaríamos todos reféns da possibilidade de exclusão ou banimento de conteúdos que não sejam do agrado das próprias Big Techs. Reforçar esse poder não garante a remoção de conteúdos criminosos e nem a liberdade de expressão.

EFEITO BUMERANGUE

Como esta lei pode ser usada contra os trabalhadores?

A maioria dos temas especificados pelo PL como passíveis de serem removidos das redes é correta: o combate aos crimes contra crianças, disseminação de preconceito e violência e instigação ao suicídio, automutilação, ou mesmo quem contrariar medidas sanitárias.

Mas há temas menos objetivos e genéricos que podem ser utilizados para restringir ainda mais a liberdade de expressão. Tipificar a possibilidade de moderação de conteúdo sobre temas como ameaça ao Estado democrático de direito ou mesmo terrorismo dá margens para que a direita e a burguesia criminalizem os movimentos

sociais e os trabalhadores.

Uma manifestação de rua dos trabalhadores hoje não é considerada um crime contra o Estado democrático de direito. Mas o que garante que amanhã um juiz ou governo não justifiquem a censura sob essa alegação? Com a volta da ultradireita ao poder, esta utilizará essa lei para silenciar os protestos dos trabalhadores. Basta lembrar como o artigo 142 ou o uso extensivo da Garantia da Lei e da Ordem (GLO) alimentou a sanha do golpismo bolsonarista. Ou ainda, como Bolsonaro tentou proibir que o chamassem de “genocida”, en-

quadrando alguns na Lei de Segurança Nacional.

Outro exemplo, Assange e Snowden vazaram documentos secretos dos EUA mostrando os crimes de guerra e espionagem. Segundo o governo dos EUA, essas publicações são terrorismo, e alguns devem considerar inclusive que atentam contra o Estado democrático de direito. Caso ocorra algo parecido no Brasil, com a Lei das fake news, essas mensagens não seriam permitidas na internet? Inclusive, em nome do combate ao terrorismo é que os EUA mantêm um monitoramento e espionagem de seus cidadãos e do mundo todo.

PL E A LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Quem regula as redes?

O PL para minimizar os riscos do poder das Big Techs se aventura a propor coisas muito perigosas. Estas terem o poder de coibir postagens e banir pessoas a seu bel-prazer é um absurdo, mas seria então papel do Estado regular as redes?

Usar uma agência reguladora própria, ou a Anatel, para supervisionar ou ser responsável pelas determinações de moderação de conteúdo não é uma boa solução, haja vista que ficaríamos reféns de um órgão governamental ou do Estado.

Mesmo uma agência “autônoma” não teria autonomia, posto que sua composição seria feita pelos governos. Então estaríamos sempre nas mãos do governo de turno.

É ilusão acreditar que qualquer tipo de ação do Estado de monitoramento, supervisão e censura seria eficaz no combate às fake news. Muito menos desconsiderar o risco de cerceamento à liberdade de expressão. A inspiração do PL vem de uma lei alemã de 2017. Até hoje, a eficácia não foi comprovada e seguem questionamentos so-



bre o cerceamento à liberdade de expressão. Na França, parte da lei caiu na Justiça.

O modelo também não pode ser a China, tal como defendeu o governador da Bahia, Jerônimo Rodrigues (PT), onde não há uma fortíssima censura da internet promovida pelo Estado e empresas.

É absurda a posição do governo do PT, junto com a grande imprensa e um setor da burguesia, de apoiar esse projeto. Não podemos arriscar que nossa liberdade de expressão fique refém do controle estatal, nem empresarial.

“STATUS ESPECIAL”

Políticos burgueses e grande imprensa protegidos pelo PL

O PL coloca um “status especial” para políticos e a imprensa, que não ficariam sujeitos à moderação de conteúdo. Teríamos pessoas que podem emitir sua opinião com plena liberdade, outras não. Alguns tentam refutar isso dizendo que caso os políticos cometam crimes nas redes, também estariam sujeitos à lei. Mas, então, para que a menção especial a eles?

A grande imprensa e os políticos também podem produzir fake news e desinformação. A imprensa faz isso tentando se passar como neutra, mas defende propostas e programas políticos. Basta lembrar a campanha da Globo em prol das reformas trabalhista e da previdência.

A imprensa também não é livre ou democrática no capitalismo. Algumas famílias capitalistas controlam a imprensa no país, transmitindo informações segundo seus interesses.

O tema da monetização do jornalismo profissional nada tem a ver com o objetivo do PL. Abre brecha para a monetização de qualquer coisa que se defina como jornalismo. Quem vai definir qual o “jornalismo profissional” merecedor da monetização? Falsos portais da ultradireita, promotores de fake news, poderiam ser financiados ainda mais.

OUTRA REGULAÇÃO DAS REDES

Enfrentar as Big Techs para garantir liberdade de expressão e combater fake news



É preciso se colocar contra o PL. Mas diferente das Big Tech que estão contra hipocritamente para não aumentar seus “custos” e proteger seus lucros, defendemos uma regulação que combata os crimes nas redes, a desinformação e também enfrente o poder das Big Techs garan-

tando mais liberdade de expressão ao povo.

É preciso garantir que os movimentos sociais e populares nunca poderão ter sua liberdade de expressão tolhida. Garantir que o movimento estudantil, de negros, indígenas, mulheres, LGBTs, de moradia, sem terras e sin-

dicatos jamais serão enquadrados nessa lei.

O processo de moderação de conteúdo deve ser aberto, transparente, democrático e sobre conteúdos criminosos objetivos e bem especificados. É preciso enfrentar o negócio capitalista tanto da publicidade, mas também das próprias Big Techs. Para isso, defendemos a completa transparência do algoritmo, dos softwares e sistemas de informação usados pelas empresas. E mais, torná-lo de código aberto para que seja público, transparente, verificável e auditável por qualquer um, garantindo o direito à privacidade e acabando com o uso de dados pessoais.

“ Tipificar a possibilidade de moderação de conteúdo sobre temas como ameaça ao Estado democrático de direito ou mesmo terrorismo dá margens para que a direita e a burguesia criminalizem os movimentos sociais e os trabalhadores. ”

Para isso é preciso acabar com esse segredo comercial. Transformaram a infraestrutura de comunicação, que deveria ser pública e acessível para todos, em um negócio capitalista lucrativo controlado por um punhado de bilionários que ninguém sabe como funciona.

Redes sociais mais democráticas e saudáveis são possíveis, mas para isso é preciso tirá-las das mãos dos capitalistas e seus governos, que se movem pelo interesse do lucro.

Por isso é necessário estatizar essas plataformas, mas não para que fiquem sob controle do Estado capitalista. Defendemos que sejam controladas democraticamente pelos trabalhadores e o povo, com código aberto e sem maracutaías da captação e uso de dados ou algoritmos obscuros. Só assim é possível regulá-las, combater as fake news e, ao mesmo tempo, garantir a liberdade de expressão. Assim, as redes se transformariam em uma tribuna digital e virtual de debate público mais democrática e segura de verdade.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3NNOYVP](https://bit.ly/3NNOYVP)

AGRO NÃO É POP É recolonização, violência e perseguição no campo brasileiro

JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) está sendo vítima de uma sórdida campanha de perseguição por parte do latifúndio. A bancada ruralista do Congresso Nacional prepara uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) contra o movimento. Trata-se de um ataque do latifúndio contra o movimento, mas que atinge todos os movimentos que lutam pela reforma agrária, os povos indígenas, quilombolas e camponeses. Lutar é direito, não é crime. O MST luta por reforma agrária e pela agricultura camponesa. Quem deveria ser investigado são os representantes do agronegócio. São eles que cometem crimes, espalham violência com seus jagunços e roubam terras de pequenos posseiros por meio da fraude e grilagem. Muitos estão no Congresso aprovando leis em prol do roubo de terras, contra populações indígenas, quilombolas e o meio ambiente.

ATAQUES TAMBÉM VEM
DE MINISTROS

E, mais uma vez, os ruralistas continuam ocupando os ministérios de um governo do PT, e de lá atacam o movimento, tal como fez o ministro da Agricultura, o sojicultor Carlos Fávaro (PSD). Fávaro fez uma comparação esdrúxula das ações do MST durante o abril vermelho com os atos golpistas de bolsoneiros em 8 de janeiro. Também não deixou dúvidas de que apoia a CPI.

“O Congresso Nacional tem a prerrogativa de, quando acha que tem alguma coisa em desconformidade na sociedade”, declarou no dia 27 de abril.

As declarações do Ministro sojicultor devem ser veementemente repudiadas. O ministro é responsável por

autorizar a liberação de 166 produtos agrotóxicos até o último dia 30. É um aliado da bancada ruralista e apoia as demandas do agronegócio.

Ministros do PT também atacaram os sem terra, como Alexandre Padilha, das Relações Institucionais e Paulo Teixeira, do Desenvolvimento Agrário, que ameaçou o movimento, dizendo que a “desocupação de terras invadidas nos últimos dias é um condicionante para o governo prosseguir com o programa de reforma agrária”.

DEFENDER O MST

É preciso defender o MST e todos os movimentos do campo dos ataques dos ruralistas e das ocupações de terras como instrumento legítimo de pressão pela reforma agrária. Aliás, os assentamentos existentes hoje foram conquistados sob esse método de luta. É preciso investigar e punir os crimes do agronegócio, estes sim verdadeiros invasores de terras. O agro deve ser estatizado e colocado sob o controle dos trabalhadores.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3INKR6F](https://bit.ly/3INKR6F)

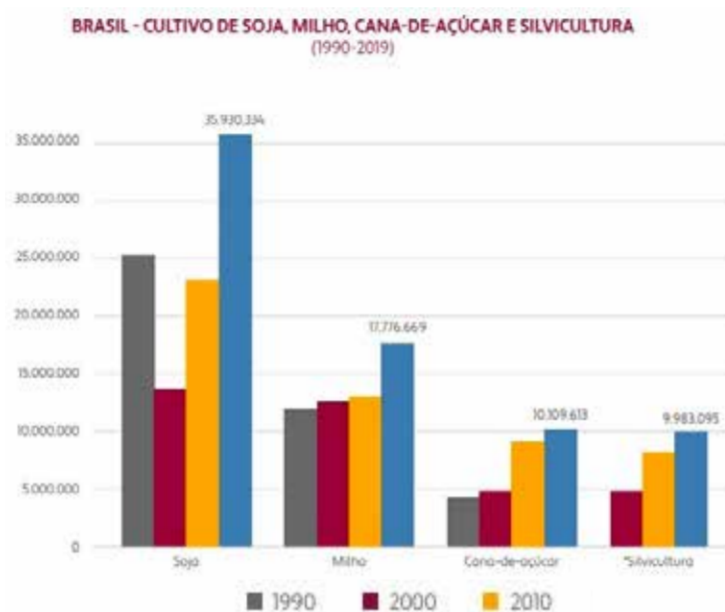
PARA TER REFORMA AGRÁRIA



Direção do MST precisa romper com o governo

Em 2002, Lula disse que faria a reforma agrária “numa canetada”. Mas o PT governou 14 anos com o agro e fez muito pouco pelos sem terras que continuaram sendo alvo da violência dos latifundiários, enquanto o agro se fortaleceu. Não se pode tratar esse governo com um aliado, nem dizer que Carlos Fávaro é um “homem sério”, como falou João Pedro Stédile, dirigente do MST. O ministro é um homem do agro e, inclusive, tem boas relações com a ultradireita. Com essa turma ele tem um sério compromisso, por isso ataca os sem terras.

Alertamos os ativistas do MST: esse governo não “é nosso”, defende os interesses do agro. A direção do MST precisa romper com o atrelamento ao governo para que os sem terra possam lutar, derrotar o agro e conquistar a reforma agrária e o necessário apoio financeiro aos milhares de camponeses assentados.



NEOCOLONIAL

O agronegócio brasileiro é expressão da decadência econômica do país

O agronegócio é expressão da decadência brasileira, da reprimarização econômica do país que provoca a desindustrialização e torna o Brasil mero exportador de matérias-primas, minerais e agrícolas.

Desde 1980, a redução da participação do setor industrial na formação do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro é brutal. Em 1985, a indústria respondia por 47,9% do PIB; em 2013, por 24,8%; e em 2019, por 22%. Já o agronegócio representou 47,6% do total exportado pelo Brasil em 2022.

Em 2020, aproximadamente 60% da soja brasileira foi adquirida pela China, que, em contrapartida, nos forneceu produtos industrializados, como máscaras e respiradores, que não conseguimos fabricar nacionalmente durante a pandemia.

Lula nunca escondeu que apoia o agronegócio. Em 2010, em um discurso realizado em uma solenidade de formatura de novos diplomatas, ele afirmou que “as commodities estão ficando mais valiosas do que os tais produtos manufaturados”. Agora, em seu terceiro mandato, Lula continua a defender o setor. Na 27ª edição da Conferência sobre Mudanças Climáticas da Organização das Nações Unidas, a COP-27, Lula chegou a dizer que “o agronegócio será aliado estratégico na busca de uma agricultura regenerativa e sustentável”. O problema, entretanto, é que defender um agronegócio sustentável é insustentável, pela própria natureza desse modelo agrícola.



O AGRO É ROUBO DE
TERRAS E VIOLÊNCIA

A maioria dos grandes “produtores” do agronegócio se apropriou de terras públicas, especialmente no bioma amazônico e no Cerrado. No Brasil, existem várias modalidades de terras públicas. As terras devolutas são uma modalidade de terra pública que não está identificada, não se sabe onde está e, por essa razão, sequer está integrada ao patrimônio público. As terras devolutas somam cerca de 141,5 milhões de hectares. Essas são as preferidas pelos ladrões do agro, que as registram de maneira fraudulenta em algum cartório corrupto. Esse processo é conhecido como grilagem.

Outra modalidade são as terras federais e estaduais, cerca de 263 milhões de hectares (aproximadamente 30% do território nacional), que se dividem entre Terras Indígenas, quilombolas, Unidades de Conservação. Essas modalidades também são alvos dos ruralistas, que as invadem e causam desmatamento expulsam indígenas e camponeses.

Após “limparem a terra”, eles aguardam por um governo que lhes permita legalizar o roubo de terras, como ocorreu com a aprovação da Lei 11.952 durante o governo Lula em 2009. O mesmo ocorreu com a MP 759, no governo de Michel Temer.



O AGRO É FOGO E DESMATAMENTO

Um levantamento da área queimada pelo fogo no Brasil mostra que, entre 1985 e 2022, foram queimados 185,7 milhões de hectares, o que equivale a 21,8% do território nacional. Essa extensão é comparável à soma da Colômbia com o Chile, segundo dados do MapBiomas. Cerrado e a Amazônia concentraram cerca de 86% da área queimada do Brasil. É importante lembrar que, mesmo sob Lula, o desmatamento na Amazônia triplicou em março de 2023, com quase mil campos de futebol destruídos por dia. O Cerrado, em média, teve uma área queimada maior do que a Escócia a cada ano. No caso da Amazônia, foi quase uma Irlanda por ano (6,8 milhões hectares). Mas a liderança é do Pantanal, que teve 51% de seu território consumido pelo fogo nesse período. Esse bioma sofre a invasão do agro e registrou o maior incêndio já registrado no Brasil.

O agro também é seca. Mais de 70% da água consumida do Brasil é utilizada na agricultura. Em 30 anos, o país perdeu 1,5 milhão de hectares de superfície de água, segundo dados do MapBiomas. Só no Pantanal, a perda de superfície de água foi de 81,7%.



O AGRO É FOME

Mas como produzir alimentos sem o agro que carrega o país nas costas? Essa é a mentira colossal, repetida diariamente pela mídia, pelo agro e por Lula. Um verdadeiro mantra do agronegócio.

A verdade é que o agronegócio não produz alimento algum. Ao contrário, representa uma ameaça à segurança alimentar do país. Só para ficar no feijão com arroz, vejamos os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De 2006 para cá, a área de plantio de arroz no país caiu praticamente pela metade (-44%); enquanto a do feijão encolheu 32%. No mesmo período, a de soja quase dobrou (+86%), ao passo que o milho avançou 66%, duas das importantes commodities vendidas no mercado internacional. É a agricultura camponesa que garante boa parte do arroz e do feijão para abastecer o mercado brasileiro. É responsável pela produção de 70% dos alimentos consumidos em todo o país, segundo o Censo Agropecuário de 2006.



O AGRO É TRABALHO ESCRAVO

O agro é o exemplo do desenvolvimento desigual e combinado do processo da expansão do capitalismo no Brasil. O agronegócio combina a mais fina tecnologia da chamada agricultura de precisão com a velha concentração fundiária, violência, empregando pouca gente e ainda se fazendo valer do trabalho escravo moderno.

O crescimento do agro impulsionou o trabalho escravo no país. Segundo o Ministério do Trabalho, entre 2003 e 2014, o agronegócio foi campeão absoluto na utilização do trabalho escravo, com praticamente 80% dos trabalhadores libertados.

NOSSAS TAREFAS

A luta pela terra e o agronegócio

A luta pela terra no Brasil exige três tarefas fundamentais. A primeira delas é apoiar a luta por uma reforma agrária radical, sob o controle dos trabalhadores. Do mesmo modo, é preciso avançar na demarcação de todas as Terras Indígenas e na titulação dos territórios quilombolas. A segunda tarefa é a nacionalização do agronegócio, sem indenização dos latifundiários, e

revolucionar totalmente o modelo agrícola do país. Além disso, é necessário uma transformação completa na política de concessão de crédito e, conseqüentemente, na estrutura financeira da nação. Sem isso, torna-se inviável proporcionar ao pequeno produtor as condições necessárias para a produção. Sem nacionalizar o agronegócio, desde a grande produção até as grandes

Não temos apenas os “escravizados do vinho”, como o caso das vinícolas do Rio Grande do Sul, mas também da madeira, da carne, da soja, do algodão, do café, do suco de laranja, da erva-mate, do sisal, do açúcar...



O AGRO É BANCADO COM
DINHEIRO PÚBLICO

De acordo com o relatório publicado pela Oxfam, 4.013 proprietários de terra devem quase R\$1 trilhão. Um grupo seleto de 729 proprietários somam uma dívida de R\$ 200 bilhões. A dívida dessa turma é sempre empurrada para a barriga pelos governos de plantão. O governo Temer, por exemplo, editou a MP 733 para que ruralistas liquidem a dívida com bônus entre 60% e 95%.



O AGRO É VENENO NA SUA MESA

Durante a gestão de Bolsonaro, o Brasil aprovou o uso de 2.170 novos agrotóxicos. Desde janeiro deste ano, foram liberados mais 166. Dos produtos aprovados anteriormente, 1.056, o equivalente a 49% do total, são proibidos na União Europeia. Ou seja, estamos virando um depósito de lixo químico das grandes empresas que fabricam esses produtos.

O aumento dos agrotóxicos acompanha diretamente a expansão das lavouras de commodities. De acordo com a professora de Geografia da Universidade de São Paulo (USP) Larissa Mies Bombardi, enquanto a área de cultivo de soja aumentou 53,95% entre 2010 e 2019, o uso de pesticidas cresceu 71,46% no mesmo período. A pesquisadora destaca que a área de cultivo de soja no Brasil equivale a todo o território da Alemanha.

cadeias comerciais, será impossível levar o produto do pequeno produtor às cidades.

Esse programa é o que os camponeses, quilombolas e os povos originários necessitam e também os trabalhadores e a maioria do povo das cidades. Mas isso está muito longe dos objetivos do governo Lula, que segue governando para o agronegócio.

1º DE MAIO

CSP-Conlutas leva às ruas atos independentes de governos e patrões

Com as maiores centrais organizando atos governistas com a presença de representantes dos patrões e da direita, coube à CSP-Conlutas resgatar caráter classista e de luta da data

DA REDAÇÃO

Em todo o mundo, e em especial no Brasil, a classe trabalhadora enfrenta os efeitos da crise capitalista, com uma inflação que persiste sobre os produtos mais básicos e um desemprego em massa mascarado pela precarização e uberização do trabalho.

No Brasil, os trabalhadores começaram 2023 com um sentimento de alívio devido à derrota eleitoral de Bolsonaro. Mas os problemas estão longe de terminar, ainda por cima temos uma ultradireita que continua ameaçando e um governo de conciliação com grandes empresas, multinacionais, banqueiros e o grande agronegócio incapaz de enfrentar os super-ricos para satisfazer as reivindicações mais básicas da classe.

Nesse sentido, o 1º de maio, uma data histórica de luta da



1 DE MAIO EM SAO PAULO

contrário e convocaram manifestações com a presença não só do governo, mas convidando políticos como Arthur Lira, presidente da Câmara, e até mesmo o governador de São Paulo, o bolsonarista Tarcísio de Freitas, como no principal ato na capital paulista. Tarcísio só não foi porque estava participando do comício com Bolsonaro na Agrishow, no interior.

“ Coube à CSP-Conlutas, a organizações sindicais e do movimento social e popular, como a Pastoral Operária em São Paulo, junto com partidos políticos de esquerda como o PSTU, convocar atos resgatando o caráter de luta e independente dos governos e dos patrões ”

suficiente, e procurando parecer como um governo que dá mais espaço aos trabalhadores, mas que na realidade mantém os pilares da política econômica dos governos anteriores”, afirma Luiz Carlos Prates, o Mancha, da Secretaria Nacional da CSP-Conlutas e da direção do PSTU. “Por outro lado, as centrais, os partidos chamados de esquerda, a maioria das direções sindicais se perfileram ao governo e realizaram atos com um conteúdo de como se estivéssemos vivendo um novo tempo”, critica.

Coube à CSP-Conlutas, a organizações sindicais e do movimento social e popular, como a Pastoral Operária em São Paulo, junto com partidos políticos de esquerda como o PSTU, convocar atos resgatando o caráter de luta e independente dos governos e dos patrões. Com o lema de “Por salário, emprego e direitos; revogação das reformas trabalhista, previdenciária e do Ensino Médio; contra as privatizações



1 DE MAIO EM SALVADOR



1 DE MAIO NO RIO DE JANEIRO

e punição aos golpistas”, os atos convocados pela CSP-Conlutas e demais organizações independentes levaram às ruas milhares de pessoas em todo o país, com um ato nacional na Praça da Sé, não deixando que essa data tão simbólica ficasse nas mãos dos que defendem que o movimento seja atrelado a governos, a políticos burgueses e a setores da burguesia como a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e os banqueiros.

“A CSP-Conlutas conseguiu se apresentar como um polo alternativo em diversas regiões, como na Praça da Sé, em que reuniu organizações como o PCB e a UP, e diversas outras organizações, assim como em outros estados, como no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais e diversos outros”, finaliza Mancha.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/44MCEJ](https://bit.ly/44mcedj)



1 DE MAIO EM PORTO ALEGRE

classe trabalhadora em todo o mundo, deveria, em especial neste momento, servir para marcar uma posição de luta e independência de classe, levantando e fortalecendo as bandeiras mais urgentes de quem trabalha e produz as riquezas deste país. No entanto, as maiores centrais sindicais, com a CUT à frente, seguida pela Força Sindical, CTB e demais, fizeram o

RESGATANDO CARÁTER DE LUTA
“O 1º de maio depois da derrota de Bolsonaro e após o início do terceiro mandato de Lula aconteceu, por um lado, com o governo tentando capitalizar a data e apresentando algumas medidas parciais, como o reajuste extremamente insuficiente de R\$ 18,00 do salário mínimo e a isenção do Imposto de Renda até os R\$ 2.700,00, que também é completamente in-

TRABALHADORES DE TODOS OS PAÍSES...

Internacionalismo operário

Além do caráter independente e classista do 1º de maio, os atos convocados pela CSP-Conlutas também marcaram o resgate da solidariedade internacional da luta da classe trabalhadora. Nessa data, em especial, a luta dos trabalhadores franceses contra a reforma da Previdência de Macron e a resistência operária e popular do povo ucraniano contra a invasão russa.

COMEMORAÇÃO

Live comemorativa lança campanha pelos 15 anos do Movimento Mulheres em Luta

ÉRIKA ANDREASSY, DA SECRETARIA DE MULHERES DO PSTU, E MARCELA AZEVEDO, DO MOVIMENTO MULHERES EM LUTA

No dia 28 de abril último, o Movimento Mulheres em Luta (MML) realizou uma live pelo Facebook para celebrar seus 15 anos de existência. O evento marcou o lançamento da campanha comemorativa a ser desenvolvida ao longo do ano e foi um momento de muita emoção e alegria.

Além das falas fortes e empolgantes das participantes, a live contou com a entrada ao vivo de algumas cidades, onde ativistas haviam se reunido para assistirem juntas ao evento; apresentação do vídeo comemorativo pelos 15 anos do MML e uma linda home-

nagem, por meio do poema “Eliziane”, de Golondrina Ferreira, recitado por Letícia Banzatto, de São José do Rio Preto, às companheiras Sandra Fernandes, de Recife; Maristela Avila, do Rio de Janeiro; Aurora, de Natal; e Benedita Ferreira, de Belém, que fizeram parte da história do movimento, mas que infelizmente não se encontram mais entre nós.

Os “problemas técnicos”, que costumeiramente ocorrem durante transmissões ao vivo, em nada tiraram o brilho da live, pelo contrário, evidenciaram o esforço realizado pelas companheiras que constroem o



Sandra Fernandes, militante do MML que foi vítima de feminicídio

movimento, mulheres trabalhadoras lutadoras e destemidas que estão na base, enfrentando as mazelas do capitalismo, a repressão, os governos e os patrões e que

sabem que é preciso combater o machismo no interior da classe para garantir a unidade de todos os trabalhadores para superar esse sistema de opressão e explo-

ração. Mulheres que sonham e se dedicam a construir a possibilidade de uma sociedade sem machismo, sem violência e sem exploração. Uma sociedade socialista!

HISTÓRIA

Uma trajetória de luta classista contra o machismo e a exploração



Imagens do primeiro dia do 2º Encontro Nacional do MML, abril 2018.

Vanessa Portugal, professora e ativista de Belo Horizonte, relembrou na sua fala o Encontro de Mulheres da CSP-Conlutas, realizado em São Paulo em 2008, que contou com a participação de cerca de mil mulheres e votou a conformação do MML: “O que nos motivava a essa organização era unir forças das secretarias de mulheres dos sindicatos em um movimento mais amplo, que apontasse o classismo na luta contra o machismo.”

O Seminário sobre Mulheres Negras foi lembrado por Elizabeth Martinho (Bete), auxiliar de serviço básico da educação e lutadora de Juiz de Fora, que entrou no MML em 2015 e frisou: “Eu, como mulher preta, me sinto fortalecida pelo movimento, porque aqui as mulheres negras, brancas, indígenas e as demais são trabalhadoras e têm o mesmo objetivo, que é construir outra sociedade.”

Marcela Azevedo, da Executiva Nacional, ressaltou o

desafio de construir um movimento de mulheres trabalhadoras frente a todas as barreiras impostas pelo machismo e pelo capitalismo: “Foram 15 anos de altos e baixos, mas sempre com a certeza de que nos interessava organizar as mulheres da nossa classe, já que, mesmo sofrendo machismo, as mulheres ricas se utilizam dele pra manter seus privilégios.”

Através das falas e comentários no chat, que vieram de todas as partes do país, foi possível ver a força do movimento. Rosângela Calzavara, operária de São José dos Campos e uma das fundadoras do MML, expressou sua satisfação em ter feito parte dessa história: “Foi uma construção árdua, mas riquíssima, com muito debate ideológico e sobre as condições de vida das mulheres. Valeu e vale muito a pena seguir com essa organização, porque o machismo prevalece.”

Mediaram a live as companheiras Samanta Guedes, do MML do Rio de Janeiro, e Silane Souza, de São José do Rio Preto.

NOSSAS TAREFAS



Organizar as mulheres trabalhadoras com independência de classe

Quando o MML surgiu, muitos ataques aos direitos da classe estavam se dando, bem como pautas históricas das mulheres, como a legalização do aborto, serviam de moeda de troca com setores conservadores. Havia disposição de questionar os papéis tradicionalmente delegados às mulheres e toda a desigualdade imposta, porém os principais movimentos feministas do país estavam atrelados ao governo Lula e freavam as lutas. Era preciso apontar um novo caminho.

Diante do aumento da opressão e da violência que vivenciamos pela decadência do capitalismo, e também do novo governo Lula-Alckmin e a atual coopta-

ção dos movimentos de mulheres, mais uma vez, está colocada a necessidade de seguirmos organizando as mulheres trabalhadoras para enfrentar o machismo e lutar por seus direitos e reafirmar o MML como uma alternativa classista e socialista contra a opressão e a exploração.

A campanha de 15 anos do MML vai durar ao longo de todo o ano e contará com atividades presenciais nas cidades, lives e plenárias nacionais, campanhas financeiras e lançamento de uma revista de memórias. Venha fazer parte você também!

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3BCLRGE](https://bit.ly/3BCLRGE)

ELEIÇÃO DA APEOESP

“É preciso recuperar o sindicato para as lutas da educação, independente de qualquer governo”

DA REDAÇÃO

O maior sindicato da América Latina, a Apeoesp (sindicato dos professores de São Paulo), está com eleição marcada para 26 de maio. O **Opinião** entrevistou a professora Flavia Bischain, candidata a presidente pela chapa 2, da oposição.

A eleição acontece em um período com muitos ataques contra os professores e a educação pública.

A chapa 2, da Oposição Unificada Combativa, se formou com 120 membros e centenas de apoiadores e está passando nas escolas, defendendo um sindicato independente dos governos e com um perfil democrático e de luta.

Flávia, que encabeça a chapa, é professora de sociologia no bairro da Brásiliândia, na periferia da capital, onde cresceu e mora até hoje. É militante do PSTU e foi candidata a vice-governadora na eleição de 2022. Também constrói o coletivo Reviravolta na Educação.

A chapa da oposição se formou com 120 membros e contando com vários grupos. Mas parte da antiga oposição resolveu compor com a direção majoritária do PT/CUT. Qual a importância de manter a oposição viva?

Professora Flavia - A categoria não pode aceitar um sindicato atrelado ao governo do estado, nem federal. É preciso recuperar o sindicato para ser um instrumento a serviço das lutas da educação, independente de qualquer governo.

Sob a direção do PT e CUT, a categoria tem acumulado inúmeras derrotas. Como a falsa nova carreira que aumentou a jornada e os ataques aos professores “categoria O”.

A direção majoritária ficou omissa diante desses e vários outros ataques. Ao invés de organizar assembleias e mobilizar pela base, tem feito o contrário.

É por isso que a gente precisa mudar a Apeoesp. É lamentável que parte da antiga oposição tenha se juntado com o PT. Eles falam que é preciso unidade para derrotar o Tarcísio. Mas como essa unidade pode servir para derrotar o governo se a presidente do sindicato, que também é deputada, vota a favor do Tarcísio em várias situações na Alesp?

O atrelamento da direção majoritária com o Tarcísio compromete a sua independência pra lutar, e a antiga oposição que está junto com a Bebel hoje é fiadora desse atrelamento.



Professora Flávia



O governador bolsonarista de São Paulo, Tarcísio, já acumula vários ataques à educação pública. Como você vê o governo de Tarcísio e qual tem sido o papel da direção majoritária da Apeoesp em relação a ele?

Flavia - O governador anunciou que vai fechar mais de 300 salas de aula e reduzir de 30% para 25% o valor mínimo que o governo precisa destinar à educação no orçamento. Isso no momento em que a gente vê o aumento da insegurança nas escolas e que o investimento seria fundamental.

Em relação ao piso, ao invés de cumprir a lei, ele paga um abono pra maquiagem quem recebe menos. Também pretende rever o Estatuto do Magistério.

É preciso derrotar o Tarcísio

porque ele governa para os empresários. É para eles que ele quer privatizar as empresas públicas e os serviços. Mas não dá pra fazer isso com um sindicato que não tem como estratégia a independência política dos trabalhadores.

Lula suspendeu a aplicação do Novo Ensino Médio (NEM), mas já disse que não vai revogá-lo. Que mudanças o NEM tem provocado nas escolas e como você vê essa decisão do governo de não revogar o projeto?

Flavia - Pois é, ele já disse que não vai revogar. Só suspendeu o calendário, o que não muda nada. Lula quer fazer uma maquiagem em um projeto que não pode ser maquiado. O NEM avança na privatização e destruição da escola pública.

O MEC continua, sob o governo Lula, sendo um balcão de negócios dos grandes empresários. E quem paga por isso são os estudantes e professores. Muitos estudantes já estão sem disciplinas básicas como história e geografia, além de receberem um ensino que tem como lógica o atendimento das necessidades do mercado.

Os estudantes e professores precisam seguir na luta para obrigar o governo Lula a revogar o NEM integralmente.

Diante desses desafios, qual o chamado que você faz à categoria e por que é importante votar na Oposição Unificada Combativa?

Flavia - A nossa chapa é para reconstruir pela base a Apeoesp. Para formar um sindicato independente de todos os governos, combativo e que defenda a educação pública e os direitos dos professores.

Não vemos como fazer isso com uma direção que perdeu completamente o reflexo da base e é um entrave para as lutas. Por isso achamos que os setores da antiga oposição que se juntaram com a Bebel cometeram um erro grave. Eles são hoje fiadores de uma direção burocratizada.

A nossa chapa é composta por mais de 120 lutadores, é encabeçada por duas mulheres e vai colocar a Apeoesp de volta na mão dos professores.

Por isso que nós pedimos aos professores para votarem na nossa chapa, mas não só, que também se organizem com a gente. O Coletivo Reviravolta na Educação, que eu e vários outros professores fazemos parte, vai seguir na luta, dirigindo o sindicato ou sendo oposição. Nós vamos manter essa bandeira de pé e chamamos os professores a fazerem isso com a gente dentro das suas escolas.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/42PTTMI](https://bit.ly/42PTTMI)

PALESTINA

Às vésperas dos 75 anos da Nakba, Gaza sob ataque

SORAYA MISLEH,
DE SÃO PAULO (SP)

Mais uma vez Israel está bombardeando a faixa de Gaza, submetendo seus 2,4 milhões de habitantes palestinos novamente ao terror – além do cerco criminoso a que estão sujeitos há 16 anos, impondo uma crise humanitária dramática. A nova ofensiva sionista começou na noite de segunda-feira, dia 8 de maio, e já havia matado 13 pessoas, entre as quais mulheres e quatro crianças até o fechamento desta edição. Vinte palestinos ficaram feridos.

Planejados no dia 2 de maio, os bombardeios da vez tiveram início uma semana antes dos 75 anos da Nakba, a catástrofe palestina com a formação do Estado racista de Israel em 15 de maio de 1948 mediante limpeza étnica planejada. A alegação é a de sem-

pre: Israel estaria se defendendo. Uma mentira repetida à exaustão na contínua Nakba.

Os palestinos e palestinianas resistem sob ocupação, apartheid e colonização; Israel é o agressor, o opressor, o colonizador. Gaza já havia sido bombardeada também na semana anterior, logo após a morte do sheikh Khader Adnan, do partido Jihad Islâmica, no cárcere israelense.

Muito popular entre seu povo, ele pereceu após 87 dias de greve de fome como protesto pela prisão política sionista sem nenhuma acusação formal ou julgamento. Khader Adnan era padeiro; distribuía

“ Na Cisjordânia, somente em 2023, Israel já matou mais de 100 palestinos, entre os quais crianças. No último dia 9, feriu 145 na cidade de Nablus. ”



pão para as crianças de sua aldeia, Arraba, e morreu de fome, resistindo à injustiça. Era a 12ª. vez que enfrentava o abjeto cárcere da ocupação e sua sexta greve de fome.

Israel justifica os bombardeios a Gaza pela resposta da resistência a esse verdadeiro assassinato de Khader Adnan,

mas na verdade é mais um capítulo da limpeza étnica, que segue a todo vapor. Na Cisjordânia, somente em 2023, Israel já matou mais de 100 palestinos, entre os quais crianças. No último dia 9, feriu 145 na cidade de Nablus.

No próximo 15 de maio, pelos 75 anos da Nakba, ha-

verá ações em solidariedade ao povo palestino em todo o mundo. Em São Paulo o ato unificado ocorrerá na Praça Oswaldo Cruz, às 17h30. É urgente fortalecer a mobilização e expressar apoio incondicional à sua resistência heroica, até a Palestina livre do rio ao mar.

FRANÇA



DA REDAÇÃO

Um grande dia de luta que deu continuidade à duríssima resistência dos trabalhadores e jovens france-

ses contra a reforma da idade mínima de aposentadoria (aumento de 62 para 64 anos) que o governo de Emmanuel Macron e a burguesia francesa querem impor a todo custo.

A classe operária francesa mostra o caminho da luta

No último 1º de maio, muitos atos e manifestações operárias foram realizados em todo o mundo. A França certamente ocupou o lugar de maior destaque.

Este projeto do governo Macron iniciado há vários meses, foi firmemente rejeitado pelos trabalhadores franceses e gerou uma longa série de greves gerais e manifestações que incendiaram o país e colocaram o governo na corda bamba [1]. Esta situação fez com que Macron não pudesse aprovar o projeto de lei no Parlamento e implementá-lo por meio de um “decreto presidencial” (um mecanismo antidemocrático presente na constituição francesa).

Este “decreto” foi endossado pela Suprema Corte da França. Uma amostra de

que, quando se trata de defender os interesses da burguesia, todas as instituições do estado burguês se apoiam (se o Tribunal não endossasse o decreto, Macron teria que renunciar ao projeto).

Neste quadro, os trabalhadores franceses ainda não desistiram porque não aceitaram a “ditame institucional” e voltaram à luta neste 1º de maio: o próprio Ministério do Interior informou que em todo o país “realizaram-se 300 manifestações convocadas por sindicatos, nas quais 782 mil pessoas participaram”. Os organizadores estimam que o

número total de manifestantes ultrapassou dois milhões. Mais uma vez, neste 1º de maio, a repressão caiu violentamente sobre o movimento social, determinado a lutar apesar de tudo. Muitas pessoas ficaram feridas e foram detidas mais uma vez.

Desta forma, a classe trabalhadora francesa continua sendo uma das referências centrais das lutas dos trabalhadores do mundo contra os ataques dos governos e da burguesia. É um exemplo a seguir.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3PYLQJO](https://bit.ly/3PYLQJO)

PADROEIRA DA LIBERDADE

Rita Lee é rebeldia revolucionária!

“Ela não foi um bom exemplo, mas era gente boa.” Essa foi frase que Rita Lee achava que deveria constar em seu epitáfio, conforme revelou em sua autobiografia (“Rita Lee — Uma autobiografia”, 2016). Ontem, 8 de maio de 2023, ela nos deixou. Mas essa frase é curta demais para definir o que ela foi. A rainha do rock brasileiro foi mais do que gente boa: foi símbolo de coragem e revolução.



ROBERTO AGUIAR,
SALVADOR (BA)

Foi com muita coragem e humor que enfrentou o câncer que atingiu seu pulmão. Ela “carinhosamente” apelidou o tumor de Jair, em referência a Bolsonaro, então presidente do Brasil.

Foi também com muita coragem que enfrentou o mundo da música, domina-

do por homens, uma espécie de “clube do Bolinha”, que diziam que “para fazer rock, era preciso ter colhão”. Rita Lee mostrou que também “dava para fazer com útero, ovários e sem sotaque feminista clichê”.

ENFRENTANDO A DITADURA

Coragem que a levou a enfrentamentos com a ditadura militar. Os milicos

não gostavam de Rita Lee, classificavam-na como inimiga da “moral e dos bons costumes”. Além do quê, era amiga de outros artistas perseguidos pelos militares, a exemplo dos baianos Gilberto Gil e Caetano Veloso. Ela foi presa no dia 24 de agosto de 1976, grávida de três meses de seu primeiro filho, Beto Lee, acusada de ter em casa 300 gramas de maconha.

Em uma entrevista à revista “Quem”, em 2010, ela disse que foi tudo plantado pela polícia. Na época, garantiu que a droga não era sua e que tinha parado de fumar devido à gravidez. Mas os agentes não deram ouvidos. Outra grande artista da nossa música foi visitá-la na cadeia. Elis Regina ajudou-a a sair da cadeia naquele difícil momento e foi apelidada por Rita de “Nossa Senhora das Roqueiras”.

QUEBRANDO PARADIGMAS

Mas Rita Lee não perdeu um pinga sequer de sua coragem por causa dos milicos, mesmo sendo uma das artistas mais censuradas na ditadura. Seguiu ousada, com a mesma coragem que subia nos palcos com Os Mutantes — a banda brasileira de rock mais cultuada no mundo, criada em 1966, com os irmãos Arnaldo Batista e Sérgio Dias —, colocando o som da guitarra na música brasileira, mesmo recebendo vaias nos festivais



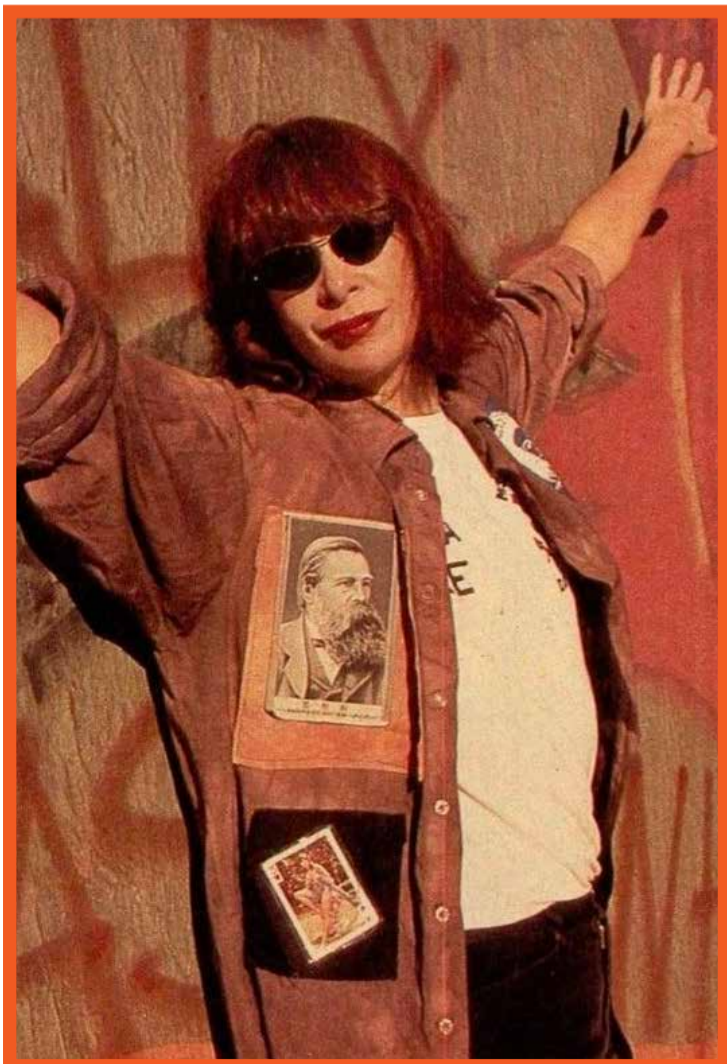
e vendo artistas realizarem marchas contra a introdução do objeto sonoro eletrônico na “refinada” música popular brasileira.

Importante ressaltar que tais vaias eram alimentadas por organizações stalinistas, que faziam coro com setores conservadores, em nome de um falso discurso contra o “imperialismo das guitarras” na música brasileira. Rita Lee desabrochou com a Tropicália, movimento que os setores do stalinismo chamavam de alienado e pró-imperialista.

Foi com coragem que se tornou um símbolo da luta pela libertação das mulheres e das LGBTs. “Minha força não é bruta / Não sou freira, nem sou puta / Porque nem toda feiticeira é corcunda / Nem toda brasileira é

bunda / Meu peito não é de silicone / Sou mais macho que muito homem”, afirma na música “Pagu”.

Ela também foi a primeira artista brasileira a cantar sem pudor sobre sexo e prazer, quebrando o velho paradigma das demais artistas que cantavam o amor romântico. Em “Mania de você”, fala do companheiro que lhe dá água na boca, que a faz vestir fantasias





e tirar a roupa, que a deixa molhada de suor, de tanto beijos e de tanto imaginar loucuras. Já em “Banho de espuma” convida o parceiro para uma banheira de espuma, para um encontro entre dois corpos quentes, sem nenhuma culpa.

“GOL RITA LEE”

Sua coragem era tanta que também invadiu o mundo do futebol. Torcedora do Corinthians, ela cantou o seu amor pelo clube na canção “Amor Preto e Branco”, de 1972. Rita Lee participou ativamente da Democracia Corinthiana, como lembrou o time em nota publicada nas redes sociais. Em 1982, na final do Campeonato Paulista diante do São Paulo, ela foi homenageada com o “gol Rita Lee”. Casa-grande batizou o seu gol da



vitória por 3 a 1 contra o rival com o nome da cantora. Foi o primeiro título da “Democracia Corinthiana”.

CORAGEM

Mesmo quando se despediu dos palcos, em 2012, em um show histórico, que eu tive a felicidade e a honra em participar, na cidade de Barra dos Coqueiros, na Região Metropolitana de Aracaju (SE), a corajosa Rita Lee se impôs contra a Polícia Militar, que reprimia com violência alguns espectadores flagrados fumando maconha.

Ela chamou os agentes policiais de “cachorros”, “cavalos” e “filhos da puta”. Foi levada para uma delegacia e liberada logo depois. Mas saiu convicta de que fez o certo e não retirou uma única palavra que tinha dito durante a apresentação. “Sou do tempo da ditadura. Pensam que tenho medo?”, disse. Não, ela não tinha medo. Ela é “Rita Lee Coragem”.

REVOLUÇÃO

Toda essa coragem transformou Rita Lee em uma revolucionária. Foi rebelde e quebrou regras, paradigmas, padrões e estereótipos. Criou uma outra imagem sobre o que é ser mulher na vida e na arte. Uma imagem única, inconfundível. Todo mundo reconhecia Rita Lee.

Sua arte foi libertária, e ela sabia disso. Por isso, preferia ser chamada de “padroeira da liberdade”, pois achava o título de “rainha do rock brasileiro” “cafona”. O impacto da arte da Rita Lee é imensurável. É tão forte que seguirá reverberando após a sua morte. Quando falamos que ela fez uma revolução, é porque a história da música brasileira é uma antes dela; é outra depois. É impossível contar a história do Brasil, não só na música, mas no seu conjunto, sem falar de Rita Lee.

Na canção “Sampa”, Caetano Veloso diz que Rita Lee é a mais perfeita tradução do que é a cidade de São Paulo. Ela é isso e muito mais. É a mais completa tradução daquelas e daqueles que têm coragem, que quebram as regras do sistema, que enfrentam a injustiça, que não se calam frente aos poderosos, dos que lutam por liberdade e por igualdade social. Rita Lee é revolução!

“MEU SONHO É SER IMORTAL, MEU AMOR”

Nascida em São Paulo em 31 de dezembro de 1947, Rita Lee morreu nesta segunda-feira, dia 8, em sua casa, na capital paulista, ao lado da família. O velório acontecerá nesta quarta-feira, dia 10, das 10h às 17h. Será aberto ao público, no Planetário do Parque Ibirapuera, em São Paulo (SP).

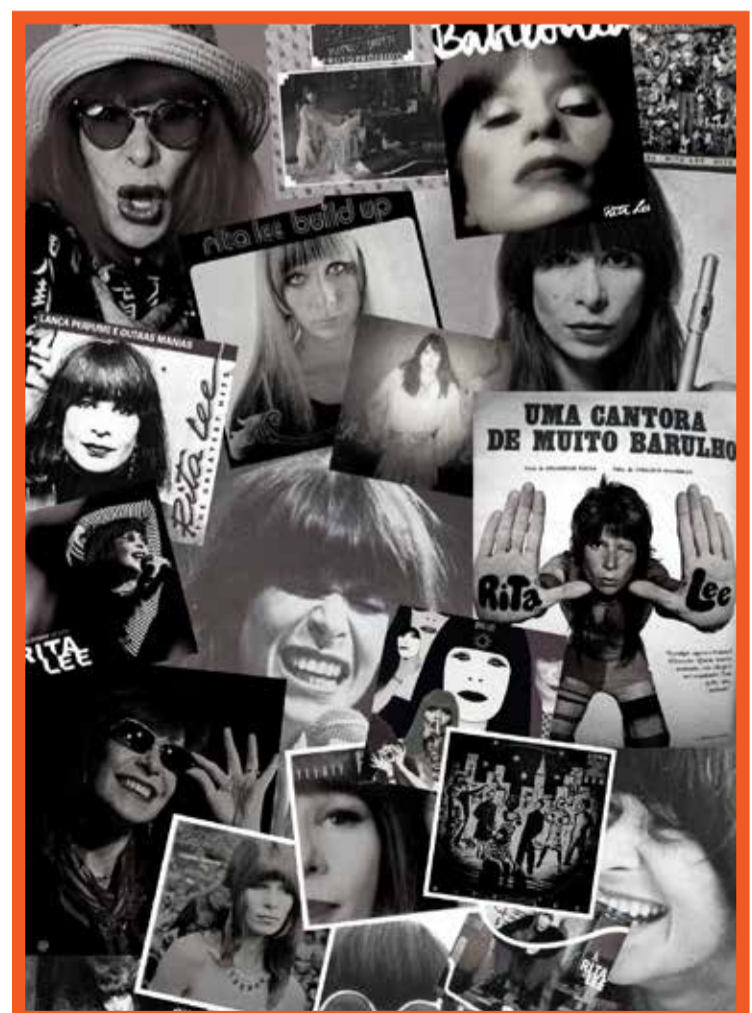
Nos inícios dos anos 1970, pós-Mutantes, sua carreira tomou forma com o grupo Tutti Frutti, no qual ela gravou cinco álbuns. A partir de 1979, ela começou a trabalhar em parceria com o marido Roberto de Carvalho, e se firmou de vez na carreira solo. Ao todo foram 40 álbuns, sendo seis dos Mutantes, 34 na carreira solo.

Ela também passou pelo mundo da literatura. Em 2016, lançou “Rita Lee: uma autobiografia”. A série “Dr. Alex”, escrita em 1983, foi relançada em 2019 e 2020, e tem foco na luta pela causa animal e ambiental da cantora. Ela também escreveu “Amiga Ursa: Uma história triste, mas com final feliz” na literatura infantil. “FavoRita”, “Dropz”, “Storynhas” e “Rita Lírica” são outros livros escritos pela cantora. Em março de 2023, ela anunciou “Outra Autobiografia”, que está em pré-venda.

Rita Lee é múltipla. Mas como canta em “Jardins da Babilônia”, não tinha uma saúde de ferro. Não resistiu ao tratamento iniciado em 2021 contra um câncer no pulmão. Mas a força de sua arte será eterna, e sua obra é imortal!

Viva Rita Lee!

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3VUEZBZ](https://bit.ly/3VUEZBZ)



13 DE MAIO

Romper com o capitalismo para uma verdadeira abolição com reparações históricas

CLÁUDIO DONIZETE,
DA SECRETARIA NACIONAL DE NEGRAS E NEGROS DO PSTU

No dia 13 de maio completam-se 135 anos da abolição da escravidão. Mas infelizmente não há nada a se comemorar.

Em primeiro lugar porque, desde o início, essa data é envolta numa fábula que atribui o fim da escravidão a um ato benevolente da princesa Isabel, uma monarca branca que passou a ser retratada como uma espécie de santa redentora. Em segundo lugar, porque a abolição não foi acompanhada por nenhuma política de reparações aos negros e negras por séculos de escravidão no Brasil.

Tratados como coisas, gerações de negros e negras sofreram todo tipo de violência, trabalhando de sol a sol como propriedades de senhores brancos, sem direito à liberdade, sem direito ao fruto de seu trabalho e sem direito a criar seus próprios filhos, já que a escravidão também se estendia a eles.

Apesar de tudo isso, a Lei Áurea assinada pela princesa Isabel não estabelecia nenhuma medida para garantir condições dignas de existência para os negros e negras e seus descendentes. Possuindo apenas dois artigos, a lei não estabelecia nenhuma medida reparatória e indenizatória aos negros: “Art. 1º É declarada extinta, desde a data desta Lei, a escravidão no Brasil; Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário.”

E como parte do desejo do governo, agora republicano, de negar políticas de reparações pela escravidão, Rui Barbosa mandou queimar toda a documentação de compra e venda de escravizados.

SEM ACESSO A TERRA, MORADIA E EMPREGO

Como se não bastasse uma abolição sem reparações, o governo e a classe dominante criaram uma série de medidas que dificultavam e, até mesmo,



impediam o acesso de negros e negras à terra, seja para plantar, seja apenas para morar.

E se valendo dos discursos racistas de que a população brasileira deveria se embranquecer para “progredir”, a classe dominante fortaleceu a entrada de imigrantes europeus para substituir os negros e negras no mercado de trabalho assalariado no país. O racismo caía como uma luva para a lucrativa rede de negócios de imigração de trabalhadores

europeus, que envolvia navios, hospedagens, agências, bancos etc., criada pela classe dominante brasileira e europeia.

Sem acesso à terra, preteridos em relação ao trabalhador europeu e estigmatizados pelo racismo, os negros e negras ocuparam as margens do nascente mercado de trabalho brasileiro, morando, também, nas margens das cidades. Os efeitos de quatro séculos de escravidão e de uma abolição sem reparações são sentidos ainda hoje.

BASTA DE RACISMO E CAPITALISMO!

A luta é de raça e classe contra o sistema, os patrões e os governos

É imprescindível retomar os debates e resoluções de problemas que dizem respeito à estrutura capitalista do Estado, através da ação ativa e independente do movimento, organizações de classe e políticas. Somente assim será possível enfrentar de maneira séria e efetiva o aumento da violência racial, como a enxurrada de denúncias de trabalho análogo à escravidão, violação dos direitos humanos e a criminalização de negros e negras nos grandes grupos varejistas, como Carrefour, Asai, Mateus e outros que são denunciados diariamente.

O capitalismo se enriqueceu às custas da escravidão



negra e, para justificá-la, criou o racismo nas suas mais variadas formas. A escravidão negra foi abolida, mas o racismo segue a todo vapor. Através dele, a burguesia consegue pagar menores salários para ne-

gros em virtude da nossa cor e da nossa raça; e destilando o racismo dentro da classe trabalhadora e do povo pobre, ela nos divide em campos hostis, impedindo-nos de lutar de forma unificada contra ela.

Organizar os negros e pobres da classe trabalhadora para tirar Bolsonaro do poder foi uma tarefa muito importante, mas não podemos parar e ter ilusões no governo Lula, que secundariza sua política social e racial, para garantir as prioridades dos grupos econômicos que o apoiam. E para “cortar o mal pela raiz” é preciso construir uma alternativa socialista que conduza os negros da nossa classe e os pobres à tomada do poder e à construção de uma sociedade socialista, único caminho para abolir o racismo e toda forma de opressão.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3MFZXOZ](https://bit.ly/3mfzxoZ)

GOVERNO LULA

Vantagens aos capitalistas e quase nada à luta contra o racismo

Após 135, avançam o racismo e o genocídio de negros e negras nas periferias, tanto pela política genocida da extrema direita do governo Bolsonaro quanto agora com o governo Lula, que anuncia mudanças estruturais em órgãos de Estado, mas não enfrenta o grande capital e toda forma de exclusão social e precarização da vida da maioria da população, negra e feminina. Um dado central, e que se tenta esconder com a maior presença de negros e negras no governo e órgãos do Estado, é a falta de orçamento mínimo para implementar até mesmo as poucas políticas públicas anunciadas pelo próprio governo.

O Ministério da Igualdade Racial (MIR) tem orçamento de R\$ 91 milhões para 2023, o menor entre as pastas do governo federal.

Para se ideia da disparidade do orçamento, segundo o Orçamento Geral da União, a desoneração da folha de pagamento de vários setores econômicos privados, tiveram isenções ou incentivos fiscais na ordem total de R\$19,4 bilhões (4,3% do PIB), ou seja, 213 vezes mais recursos que o Ministério da Igualdade Racial. Essa disparidade diz muito sobre as prioridades e o distanciamento do efetivo combate ao racismo no Brasil, como política do Estado e governos de plantão.